

O PROCESSO-CURUPIRA

*Gabriel Rodrigues Soares**

- Casa 57, Correios! Ô de casa! Casa 57, Corr...
- Bom dia, pois não!
- Daniela Amorim de Carvalho?
- Sim, sou eu.
- Carta para a senhora.
- Carta?

Ficou sem reação. Não saberia dizer qual fora a última vez que recebera uma carta. Talvez fosse algum galanteio do esposo pelas bodas que se aproximavam. Assinou o recibo apresentado pelo carteiro e, ao abrir o envelope, notou que a entrega, de piada, não tinha nada. Papel timbrado, endereço do fórum, data, horário e uma enxurrada de juridiquês. *Que raios é essa tal de autocomposição?*

Mostrou a papelada ao marido, que pareceu igualmente desnortado:

- Podemos ligar para o Ricardo e perguntar a ele, o que acha?

Não suportava Ricardo. Perdera as contas de quantos jantares, bares e demais encontros o amigo do esposo tomara para si. À menor brecha, o advogado desbaratava a falar sobre as leis X, Y e Z; os absurdos que este e aquele ministro tinham cometido; os desafios à aprovação da reforma. *Na boa, quem é que fala sobre reforma tributária em um churrasco!?*

*Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1637154350067208>

E-mail: bobsoares81@gmail.com

Justificativa: em um mundo pautado pelo avanço na tecnologia da informação, faz-se necessário repensar a forma de alguns atos processuais (citações, despachos, audiências), a fim de evitar o irrefletido apego a métodos obsoletos, os quais refletem em prejuízo de todos os sujeitos processuais, inclusive, o Estado-juiz.

Obs: o texto se volta contra uma cultura ainda vigente na prática forense, não se direcionando a nenhuma unidade jurisdicional específica. A "9ª Vara Cível" fora escolhida em referência ao Objetivo Estratégico nº 9 do CNJ para o ciclo 2021-2026: "Fomentar e incrementar a produção de soluções tecnológicas, com foco em inovação e transformação digital".



Sem alternativa, torcia para que, desta vez, a consulta por telefone a blindasse da usual palestra sobre qualquer que fosse o tema jurídico do momento:

- Uma carta, não é? Eu acho isso um absurdo! Você sabe quem escrevia cartas? O apóstolo Paulo! Isso já faz quase dois mil anos. Dois mil anos, Dani! De lá para cá, nós já deveríamos ter evoluído um pouquinho, concorda? – perguntou, aos risos, o Dr. Ricardo.

- Pois é, eu confesso que fiquei um pouco perdida. É assim mesmo que essas coisas são feitas?

- Quanto ao conteúdo, está tudo certo, nessa data, você tem de ir ao fórum para uma audiência de conciliação. O que eu não entendo é porque não adotam como regra as citações por *WhatsApp*. Já existe legislação para isso. Você precisa ver a bagunça quando entregam o mandado na portaria dos prédios. Uma tremenda insegurança jurídica, imagine, sujeitar alguém à revelia só porque...

- Desculpa interromper, Ricardo. É que a audiência será numa quarta-feira, às 15:00. Eu realmente tenho de estar lá? Digo, presencialmente?

- Sim, lamento. Isso é o que eu chamo de processo-curupira: enquanto a tecnologia progride a passos largos para um lado, alguns atos processuais parecem seguir no sentido oposto...

- Vai ser um parto conseguir uma folga com o meu chefe. Sem falar que eu vou ter de contar para ele tudo o que aconteceu... Não é possível que não tenha como fazer isso por videochamada.

- Dani, eu vou te dizer a verdade: atualmente, quase todas as audiências são feitas de forma remota. Menos na 9ª Vara Cível! Hoje é possível transferir dinheiro, ações e até carro pelo celular. Por Deus, estamos em 2023! Com o computador, a humanidade consegue pousar um robô em Marte! Mas, aparentemente, nada disso é o suficiente para eles. A TV daquele pessoal ainda deve ser em preto e branco...

Dois meses depois, do outro lado da cidade, Aquiles iniciara o expediente logo ao acordar. Na faculdade, nunca ousou imaginar que, um dia, exerceria a advocacia do conforto do próprio lar. Todavia, com o início das medidas de contenção à *Covid-19*, encerrou, a contragosto, a locação da sala comercial na qual trabalhava, passando a utilizar um escritório improvisado num dos cômodos da casa.



A pandemia passou, e o *home office* ficou. A esta hora, quatro anos atrás, estaria digladiando-se por uma das disputadas vagas de estacionamento no centro da cidade. Hoje, já estava a adentrar a terceira hora de trabalho. O aumento da produtividade e a redução das despesas afastaram qualquer margem para dúvidas: no que dependesse de si, jamais regrediria à rotina do passado. Afinal, no modo tele-presencial, conseguia atender a todas as demandas da profissão.

Menos na 9ª Vara Cível!

Ouviu tocar o alarme do celular. Alcançado o horário comercial, era hora de iniciar a bateria de ligações matutinas. Nas tarefas do dia, aparecia, em destaque: *Relembrar Thalia – Audiência de Conciliação Presencial – Quarta, 15:00 – 9ª VC*. Telefonou para a cliente.

- Dr., eu ainda estou tentando achar alguém para ficar com as crianças. A minha irmã conseguiu um emprego e eu não tenho coragem de deixar um de 7 anos cuidando de outro de 3. Mas eu vou dar um jeito de estar lá na quarta. É importante para o processo, não é, Dr.?

Não, não era.

Tentara ao máximo contornar a situação. Contantara semanas antes o advogado da parte contrária; o colega, porém, afirmou que a ré não possuía proposta de acordo. O posterior pedido de cancelamento da audiência fora indeferido pelo magistrado, e a solicitação de conversão à sessão não presencial, respondida com uma negativa genérica. Para essas situações, já tinha um discurso pronto:

- Esse é um ato processual de comparecimento obrigatório, uma formalidade que temos de cumprir. Infelizmente, esta Vara ainda não faz audiências virtuais.

- Ok, Dr., na quarta-feira, 14:00, eu já estou lá.

- Perdão, a nossa audiência é apenas às 15:00. Não há necessidade de chegar tão cedo. A senhora pode se programar para chegar com 20 minutos de antecedência.

Do outro lado da linha, Thalia arriscou um gracejo:

- Dr., com o horário dos ônibus, ou eu chego às 14:00, ou eu chego às 16:00. É melhor às 14:00 não é?

Aquiles deixou escapar um riso melancólico. Sanou as demais dúvidas da cliente, transmitiu algumas orientações finais e encerrou a chamada.



Angustiava-lhe essa parte da conversa, especialmente quando falava com clientes mais humildes. Sabia do particular peso que a obrigação de comparecimento ao fórum lhes impunha: a preocupação com os filhos, a perda da diária com a patroa, a tarde de comércio fechado, a saga no transporte público.

Tomado por uma sensação de impotência, ficou a fitar o processo aberto na tela. Após todo o alvoroço, Thalia compareceria a uma audiência fadada ao insucesso, a qual, segundo estimava, levaria menos do que os 5 minutos da ligação há pouco encerrada.

- Como eu odeio as quartas-feiras!

Bartolomeu era servidor público, integrante da 9ª Vara Cível. O praguejo fora-lhe arrancado em meio às buzinas do caótico trânsito que tomava os arredores do fórum. Ante a imprevisibilidade do tráfego, habituara-se a sair de casa uma hora mais cedo, a fim de evitar qualquer atraso. Servidor zeloso, constrangia-lhe o mero pensamento de que, por descuido, tivesse de um dia furar a fila de partes, advogados, testemunhas, peritos e demais acompanhantes que assomava à entrada do fórum.

Chegou ao trabalho e juntou-se à fila. Com a lentidão, a maioria buscava entretenimento na tela do celular. *Qual a necessidade de tudo isso!? Quanto desperdício! De tempo e de dinheiro! Nenhuma, absolutamente nenhuma dessas pessoas deveria ter sido obrigada a vir até aqui.* Alocado por anos na diretoria do fórum, sabia, com precisão, quanto o dia da pauta semanal de audiências presenciais custava aos cofres públicos. Reforço nas equipes de segurança e de limpeza, aumento no consumo de água, materiais descartáveis, luzes, ar-condicionado, elevadores. *A conta de energia!* Sonhava com o dia em que os eco-chatos, como gostava de chamá-los, parassem de abraçar as árvores, fizessem os mesmos cálculos e, enfim, demandas providências.

No início do ano, indignara-se ao descobrir que até mesmo os atendimentos virtuais tinham sido encerrados de vez. Desde então, não podia conter o embaraço ao ver chegar advogados de outros estados, de mala na mão, indagando se o magistrado já estaria disponível para o encontro agendado. Na última semana, finalizado o sempre breve despacho, despedira-se de uma advogada que, com um sorriso amarelo e a passagem em mãos, acenou:

- Rumo de volta ao aeroporto. Até a próxima!



Vencida a fila, instalou-se à mesa e deu início aos trabalhos. Da primeira parte da tarde, apenas uma sessão fez-se digna de nota. O representante do banco réu afirmara, de pronto, que a empresa não possuía proposta de acordo. O autor, indignado, insistiu em apresentar ao conciliador todos os argumentos que o levaram ao ajuizamento da ação.

Desconcertado, Bartolomeu repetiu que não era ele quem julgaria a ação e, de todo modo, segundo o princípio da confidencialidade, aquelas declarações não poderiam ser utilizadas no processo.

- Então por que eu tive de vir até aqui? Eu vim, e agora vocês vão ter que me ouvir!

Não pôde dissuadir o autor de expor todas as teses já inseridas na petição inicial. Enquanto ouvia, Bartolomeu lembrou o dito por um jovem estudante de direito, o qual, perguntado sobre o que achara de acompanhar a pauta de audiências do dia, respondera, com a perspicácia dos novatos:

- É como pisar no acelerador com o carro em ponto morto.

A demorada exposição do autor levou ao inevitável atraso da pauta. Embora a equipe contasse com outros conciliadores habilitados, a Vara dispunha de apenas 1 anexo para audiências presenciais. Desse modo, o atraso de uma sessão desencadeava um inevitável efeito dominó sobre as demais, o que, por sua vez, estimulava o crescente e audível burburinho entre aqueles que aguardavam ao lado de fora: *Esse país é uma vergonha; O meu chefe vai me matar; Eu tenho outra audiência em 20 minutos; Alô, filho, aqui vai atrasar um pouquinho*. Mesmo quando o prolongamento da sessão ocorria por razões legítimas, a exemplo do necessário desenvolvimento das tratativas que levariam a um possível acordo, Bartolomeu via-se obrigado a imprimir maior celeridade no diálogo entre as partes.

Frustrado, dirigiu-se ao corredor e anunciou o próximo pregão. Sem surpresa, viu que os quatro convocados aguardavam, juntos, em um semicírculo, com os braços cruzados e os cenhos franzidos. Não era necessária muita experiência para perceber que a malsucedida tentativa de acordo ocorrera ali mesmo, ao pé do bebedouro. Lamentou novamente. *Nenhuma, absolutamente nenhuma dessas pessoas deveria ter sido obrigada a vir até aqui*.

Às 15:28 de uma quarta-feira, Ricardo, Daniela, Aquiles, Thalia e Bartolomeu adentraram à sala de audiências da 9ª Vara Cível.



v.7, n.2

